

CONTO

Apagamento

Christian Siqueira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

christianlucas12@gmail.com

Em 2009, eu e Bruno estávamos concluindo o ensino médio. Éramos amigos desde a pré-escola, na verdade, melhores amigos. Uma das boas coisas era a diversidade: era uma escola particular, mas tinha ares de pública. Era comum ver alunos chegando com os pais de Biz, enquanto outros vinham de Hilux. Essa era, aliás, a realidade de nós dois. Bruno tinha o pai empresário e a mãe advogada; os meus, ambos CLTs. Meu pai, mecânico; minha mãe, secretária.

Até os nossos dezesseis anos, essas diferenças nunca foram definidoras da amizade. Era coisa pura. Uma irmandade que sobrepunha o laço de sangue. Gostávamos das mesmas bandas — Charlie Brown Jr., System of a Down, Linkin Park, Metallica. Torcíamos pelo Flamengo. Que ano foi aquele: Adriano Imperador, Petkovic, Vágner Love. Assistíamos aos jogos juntos, cada gol era um pular e se abraçar de corpos. Dias na casa dele, dias na minha. Os “ajeitados” de namoradinhas. Counter-Strike até duas da manhã. Os dias falando de Dragon Ball Z, colecionando cartinhas de Yu-Gi-Oh. Matávamos aula para jogar bola na quadra do colégio. Uma vez nos envolvemos numa briga com uns caras — apanhamos e fomos para casa rindo um do outro. Tudo terminava em risada.

No fim da terceira série do ensino médio, fiquei em recuperação em biologia e química. Bruno passou por média. Não apenas isso: passou em segundo lugar na melhor universidade privada da cidade, para Administração.

Na última semana de aula, o clima era de despedida. Decidimos firmemente que não deixaríamos a amizade esfriar. Continuaríamos nos falando toda semana, marcaríamos encontros para assistir aos jogos do Mengão, pra conversar, estudar, sair, qualquer coisa.

E foi o que aconteceu. Pelo menos nos primeiros meses de 2010.

Depois disso, houve sucessivas tentativas, pelo menos da minha parte, de restabelecer um contato mais próximo. Sempre havia um impedimento. Falávamos pelo Orkut, e a frequência diminuía a cada dia.

Faltaria com a verdade se dissesse que aquilo não me incomodava. O sentimento de abandono vinha embrulhado numa clara diferença de vida. Em 2010, ele já estava no segundo período da faculdade. Eu trabalhava meio turno num supermercado e estudava à noite para passar no Enem.

Essa rotina durou dois anos, até eu conseguir passar numa universidade federal. Entrei em Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Em 2012, Bruno já estava quase se formando, trabalhava na empresa do pai. Nossa comunicação se resumia a parabéns nos aniversários, sempre acompanhados de desejos de felicidade e da velha justificativa: “a correria da vida”.

Tudo o que eu sabia dele vinha das redes sociais. As conversas tinham uma modéstia



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL7305-WFSE

Recebido

29 de novembro de 2025

Aprovado

8 de janeiro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

envergonhada, não havia mais aquele sentimento fraterno. No fundo, acho que preferíamos ter apagado um ao outro da memória, só pra evitar os constrangimentos.

Stalkeando seu perfil, agora no Facebook, descobri que Bruno arrumara uma namorada. Pelo que vi, ela cursava Medicina. Fizeram uma viagem a Paris no fim daquele ano. Em 2014, Bruno já havia terminado a faculdade. Assumira o cargo de vice-presidente na empresa do pai, aos vinte e um anos. Eu ainda fazia estágio. Naquele ano, houve a Copa do Mundo no Brasil. Não pude acompanhar, meu pai estava internado na UTI, depois de um AVC. Ficou até o fim do ano e, em dezembro, veio a óbito.

Bruno, por outro lado, foi com a esposa a praticamente todos os jogos, inclusive o fatídico 7x1 no Mineirão e a final no Maracanã. Sofri profundamente com a partida do meu pai. Ele era um verdadeiro amigo.

Bruno, no entanto, não mandou sequer uma mensagem.

Em 2015, já não tínhamos contato algum. O pai dele se aposentara, e Bruno assumira a presidência da empresa. Eu me formei na universidade e consegui emprego numa escola de bairro. Morava com minha mãe, que nunca se recuperou da morte do marido.

Em 2019, Bruno já era casado e muito provavelmente milionário. Tinha negócios fora do país. Triplicara os ganhos da empresa, vivia uma vida de rei. Como eu sei disso? Às vezes me pegava *stalkeando* o perfil dele. Outras vezes, ele aparecia em revistas e matérias de negócios: Homem do Ano, Símbolo do Empreendedor Jovem, essas coisas.

Tinha dois filhos, um casal. Deixou crescer a barba, que mantinha sempre alinhada. Eu, por outro lado, havia sido demitido do trabalho. Enterrei minha mãe naquele mesmo ano. Só me restaram uma casa e um carro de herança, um Gol 2012. Era o que me sustentava. Tornei-me motorista de aplicativo.

No fim do ano, vi que Bruno fora novamente a Paris. Levou a família inteira, uma viagem a negócios que acabou virando turismo. Quando voltaram, estourou a pandemia de COVID-19. A esposa dele foi infectada. Os dois filhos também. Ficaram internados no melhor hospital do país, mas o dinheiro não foi suficiente para salvá-los. Depois disso, em 2020, as ações da empresa caíram drasticamente. Ele declarou falência.

De 2020 em diante, a vida de Bruno virou tentativa de reerguer a empresa, polêmicas e escândalos de corrupção. Uma prisão por dirigir bêbado e quase matar um garoto. Solto na audiência de custódia.

Em 2025, eu estava trabalhando quando o celular avisou uma corrida de quinze reais. Aceitei na hora. Fui até o ponto, estacionei o carro. O passageiro entrou — um homem de mais ou menos trinta, com o rosto de quem já viveu quarenta. Barba cheia, olhos fundos e tristes, ombros encurvados.

Olhei pelo retrovisor. Conhecia aqueles olhos.

Era o Bruno.

Ele arregalou levemente os olhos. Percebi que me reconheceu.

Percebeu que eu percebi.

Percebemos, nós dois, que um reconhecera o outro.

Foi uma situação embaraçosa. O que dizer? Por onde começar? Ali, tão perto um do outro, havia quilômetros de distância de vida. Decidi permanecer calado. Ele baixou a cabeça. Nenhuma palavra. Deixei-o no destino — uma casa simples, sem extravagâncias. Meses depois, passando o dedo pelo Instagram, vi a notícia:

“Empresário Bruno Bueno é encontrado morto em sua residência.”

O corpo do texto dizia que ele atirara contra a própria cabeça. Quis ir ao enterro, mas o carro estava em manutenção. Choveu o dia inteiro. Fui até o quintal, olhei pro céu, deixei a água cair no rosto.

A chuva misturou-se às lágrimas, por um instante, não soube o que estava sendo apagado: se ele, ou eu.

Christian Siqueira

Professor de Língua Portuguesa e escritor potiguar. Dedicar-se à ficção de teor psicológico, explorando temas como memória, identidade e o duplo. Autor de contos e poemas, integra projetos literários independentes.